

## A mit-disciplinaridade como desafio para os profissionais de arte e educação na contemporaneidade

Sergio Coelho Borges Farias

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UFBA

Professor Titular da UFBA, Doutor em Artes (Teatro) - USP

Resumo: O autor parte dos conceitos de multi, inter e transdisciplinaridade para chegar à ideia de percurso mit-disciplinar. A filosofia da ciência e, conseqüentemente, a metodologia de pesquisa abriram espaço para as chamadas abordagens mais qualitativas. As alterações no modo de ver a pesquisa, com o reconhecimento das articulações entre os vários elementos constituintes do objeto de estudo, implicaram na elaboração de conceitos como os de complexidade e de multi-referencialidade. Esses conceitos foram também tomados como bases no texto para a caracterização da mit-disciplinaridade e sua aplicação na arte-educação.

Palavras-chave: Mit-disciplinaridade, arte-educação, pedagogia do teatro

Um dos desafios que se apresentam para os que se situam no campo profissional da arte-educação (e nesse sentido estou me referindo às artes de modo geral, as visuais, audiovisuais, teatrais, corporais, performáticas, circenses, musicais...) é a forma de definir e de lidar com a mit-disciplinaridade.

Embora vivamos, no cotidiano, essa *coisa*, já que na vida tudo está ou pode estar relacionado, cada vez que se fala nisso, sempre alguém ressalta que “precisamos definir isso que se chama de mit-disciplinaridade...”.

Como reconheço a dificuldade em *compreender* esse conceito, e essa dificuldade pode ser, inclusive, uma resistência intuitiva a romper os muros que separam as disciplinas, gosto de partir da definição simplificada de: *disciplina, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e de transdisciplinaridade*, para chegar finalmente à ideia de percurso mit-disciplinar.

As disciplinas, ou campos de saberes, ou áreas de conhecimento, foram se constituindo ao longo da história da humanidade, inclusive no sentido de *organizar* uma quantidade cada vez maior de informações e de permitir um maior *aprofundamento* em cada campo do saber.

Cabe aqui uma referência a Michel Maffesoli, que se refere à *profundeza das aparências* e ao valor do *conhecimento comum* para chamar atenção para a riqueza dos elementos, que parecem ser *superficiais, banais*, ou apenas *aparentes*, mas que podem se constituir como componentes importantes dos processos de pesquisa.

Já há algum tempo a filosofia da ciência e, conseqüentemente, a metodologia de pesquisa abriram espaço para as chamadas abordagens (mais) qualitativas.

As alterações no modo de ver a pesquisa, com o reconhecimento das articulações entre os vários elementos constituintes do objeto de estudo, vistos sob várias e diversas perspectivas, implicaram a elaboração de conceitos como os de complexidade e de multi-referencialidade. Ambos os conceitos podem também ser tomados como bases para o reconhecimento da necessidade da inter-disciplinaridade.

Sendo todo objeto complexo, como abordá-lo com referências exclusivas de um só campo de estudo?

Como estudar um objeto em sua completude, tendo que recortá-lo para caber numa disciplina?

Como recorrer a múltiplas referências sem percorrer múltiplos campos de saber?

Ao pensarmos nesses temas e questões mencionados acima, começa a parecer mesmo um contra-senso essa separação rígida entre as variadas *formas* ou *linguagens* ou *modalidades* das artes, assim como entre as artes e os demais campos ou áreas, sejam elas do grupo das humanidades ou das ciências.

A cena sempre se constituiu como *locus* privilegiado para a integração das artes, podendo ali aparecer, reunidos e articulados: a palavra, o corpo, o som, o objeto, a tecnologia, expressos através do texto, da interpretação, da dança, dos elementos plásticos e audiovisuais, da música.

Cabe, entretanto, ressaltar a importância do avanço do conhecimento *científico* que resulta do aprofundamento em determinados campos específicos. Sabemos que as *verdades* ou *certezas* se constituem através de processos organizados de produção de conhecimento, mas sabemos também que elas são *verdades*, de acordo com determinados princípios e valores.

Retomando a questão da configuração das disciplinas, que vem de longo tempo, pode-se dizer que a mesma foi acentuada com a *fundação* da ciência, com a prevalência do racionalismo e todos os seus desdobramentos, como o iluminismo, cientificismo, positivismo... já que o livre pensar articulado dos filósofos/matemáticos/artistas gregos, por exemplo, derivou para a busca de apropriação de uma verdade pré-existente, comprovada, definida, com uma precisão baseada em medições, cálculos, comparações, *afirmações positivas*, dentro de cada área de conhecimento. Não é fácil, imerso no racionalismo, compreender e aceitar que possam ter convivido harmoniosamente coisas tão distanciadas atualmente como a filosofia e a matemática.

Atualmente a tabela do CNPq para a classificação das produções acadêmicas contém mais de 1400 sub-áreas catalogadas, agrupadas em áreas e grandes áreas. Por ocasião de uma tentativa de um dirigente do órgão, por volta de 2005, de reestruturar as áreas, extinguindo, agrupando ou ampliando as sub-áreas ocorreu um grande alvoroço entre os pesquisadores, cada qual tentando incluir ou manter seu pedaço, sua especialidade.

Cabe assinalar que a distribuição dos recursos financeiros para a pesquisa leva em conta essa organização em áreas.

Como as delimitações dos campos do saber perderam sua rigidez na prática, a cada dia novos campos de conhecimento vão se configurando, com cada campo interdisciplinar se constituindo como nova “disciplina”, o que poderia (poderá) levar a tal tabela do CNPq a apresentar milhares de especialidades dentro em breve.

Mas o que nos interessa aqui, no momento, é a definição descomplicada daqueles termos anunciados no início do presente texto. Então começemos com a multidisciplinaridade, que pode ser vista como a utilização de conceitos, fundamentos, bases filosóficas, procedimentos e recursos de várias disciplinas numa articulação de saberes diferenciados e supostamente independentes. Ao se estudar um fenômeno referente ao meio ambiente, utiliza-se elementos da Química, da Biologia, da Economia, da Geografia e assim por diante.

No caso da interdisciplinaridade, os elementos de duas ou mais disciplinas são misturados, numa espécie de amálgama, havendo dificuldade de se definir de qual *disciplina* cada qual foi retirado como é o caso dos estudos sobre a ecologia, a contemporaneidade, as relações internacionais, o imaginário, o gênero, a energia, a estética. É nesse sentido, pela dificuldade de classificar esses campos configurados mais recentemente que as abordagens interdisciplinares podem acabar se constituindo como *novas disciplinas*.

Finalmente chegamos ao “T”. A transdisciplinaridade seria, então, o livre trânsito entre os vários campos do saber, como se não existissem as fronteiras e os territórios que dão nome às especialidades, sejam elas disciplinares ou interdisciplinares. É claro que isso exige um desprendimento, um desapego às bases já constituídas, e isso requer uma mudança de mentalidade em relação à segmentação dos processos de composição do conhecimento.

A mit-disciplinaridade, sendo o conjunto das várias abordagens (multi-inter-trans) descritas acima, não implica, portanto, na extinção das disciplinas, mas num novo olhar sobre as mesmas.

As proposições da física quântica influenciando nas correntes mais recentes da filosofia contemporânea, e *vice-versa*, apontam para uma reversão do cientificismo, da hiper-racionalidade, retomando e valorizando nos processos de produção de conhecimentos, além do pensamento, outras habilidades humanas fundamentais, como as sensações, os sentimentos e a intuição.

A chamada pós-modernidade abre espaço para que a sistematização do saber passe da opção (racional) entre isso **ou** aquilo, para isso **e** aquilo, como na física quântica. A intensificação do saber passa de uma forma de *raiz* (aprofundamento) para uma forma de rede (articulação de saberes).

Tal postura filosófica repercute no meio artístico, com a opção pela forma híbrida *evento performático* em vez de peça teatral, concerto, exposição ou coreografia, embora todas essas formas continuem existindo e emocionando públicos os mais variados.

As mudanças na disposição espacial dos espetáculos, com a diluição da diferença entre palco e platéia e a retomada da natureza ritual da arte, com envolvimento direto do público, favoreceram a ideia do evento performático como expressão cênica transdisciplinar, em sintonia com as ideias características da chamada pós-modernidade.

O desafio para o artista e educador, nas oficinas, nos quadros curriculares, nos trabalhos de ação cultural, é aplicar essa nova perspectiva na sua vivência, sem descartar o conhecimento acumulado em termos de arte, de pedagogia, de autonomia, de contexto, de crítica, de memória, de subjetividade, com a possibilidade legítima de aprofundamento num campo específico e recortado, mas de olho no entorno, no mundo todo, de olho também nas superfícies, nas aparências.